

## “VAIAS AO JUIZ”: ARQUITETURAS DA IMPRENSA ESPORTIVA NAS COBERTURAS DAS COPAS DO MUNDO DE 1934 E 1938

Ricardo BEDENDO, (UFJF)<sup>1</sup>

**Resumo:** Em nossas pesquisas mais recentes, argumentamos, por meio de uma metodologia histórica comparativa, que a evolução técnico-científica dos meios de comunicação transforma profundamente as “arquiteturas do olhar, da experiência e das decisões” de todos os atores do tradicional *football*. Mostramos com os recortes históricos da imprensa esportiva nas Copas do Mundo, como a incerteza provocada pela escassez e lentidão no universo analógico das comunicações é, atualmente, em velocidade extrema, substituída pela dúvida fomentada pelo excesso de informações em formato de *bytes*. O *footbyte* é uma experiência em constante fluxo e em permanente modificação dessas “arquiteturas”, em especial as dos jornalistas esportivos.

**Palavras-chave:** footbyte; football; arquiteturas; tecnologia; jornalismo

**Abstract:** In our most recent research, we argue, through a comparative historical methodology, that the technical-scientific evolution of the means of communication profoundly transforms the “architectures of vision, experience, and decision-making” of all actors in traditional football. We show, through historical excerpts from the sports press during the World Cups, how the uncertainty caused by scarcity and slowness in the analog universe of communications is now, at extreme speed, replaced by doubt fueled by an excess of information in byte format. The footbyte is an experience in constant flux and in permanent modification of these “architectures,” especially those of sports journalists.

**Keywords:** footbyte; football; architectures; technology; journalism

### INTRODUÇÃO: DO HUMANO AO *CIBORG* COM SUA *SKIN HIGHTEC*

A câmera acoplada ao microfone, próxima à bochecha do árbitro em campo, foi apresentada no Mundial de Clubes da FIFA 2025 como o “terceiro olho mágico” do pós-humano (Bedendo, 2024;2025). Agora, cada vez mais, o “juiz *ciborg*” é moldado em uma “*Skin hightec*” com a promessa de que, com o excesso de informações eletrônicas, não vai mais errar. A retina com milhares de *pixels*, em ritmo de *streaming*, nos transporta para dentro das quatro linhas, para que possamos atestar, bem ao lado da autoridade máxima, que não há mais dúvida. Ou ainda há?

<sup>1</sup> Professor Doutor do Departamento de Técnicas Profissionais e Conteúdos Estratégicos, da Faculdade de Comunicação. Coordenador do Footbyte: Núcleo de Estudos em Comunicação, Tecnologia e Futebol. Email: ricardo.bedendo@ufff.br

Em nossas pesquisas mais recentes, argumentamos, por meio de uma metodologia histórica comparativa, que a evolução técnico-científica dos meios de comunicação transforma profundamente as “arquiteturas do olhar, da experiência e das decisões” de todos os atores do tradicional *football*. Mostramos com os recortes históricos da imprensa esportiva nas Copas do Mundo, como a incerteza provocada pela escassez e lentidão no universo analógico das comunicações é, atualmente, em velocidade extrema, substituída pela dúvida fomentada pelo excesso de informações em formato de *bytes*. O *footbyte* é uma experiência em constante fluxo e em permanente modificação dessas “arquiteturas”, em especial as dos jornalistas esportivos.

Anteriormente, apontamos a Agência Americana de Notícias como a principal fonte dos jornais que cobriram a Copa de 1930, no Uruguai (Bedendo, 2025), em uma dinâmica de insuficiência e de lentidão de informações, assim como de distâncias muitas vezes insuperáveis pelas limitações técnicas do passado. Ao migrarmos nessa viagem histórica para as Copas de 1934, na Itália, e 1938, na França, identificamos, de partida, que periódicos, como O Globo e a Folha de São Paulo, já trabalhavam com as apurações do que chamavam de “serviço especial” diretamente dos estádios e com o uso constante do telefone. No entanto, é o rádio que progride como a maior novidade e com um enorme poder de informação e de mobilização social. Nesse artigo mostramos, então, por meio do acervo digital dessas duas publicações, um avanço significativo na tecnologia da comunicação utilizada pelos jornalistas e um discurso que, ainda muito pautado somente pelo olhar humano, já questionava e se inconformava com os possíveis equívocos da arbitragem pura e simplesmente “natural”.

A troca de passes entre os tempos se constitui, assim, como essencial para compreendermos como as tecnologias da informação e da comunicação alteram as nossas “arquiteturas” e as do esporte na constante história em movimento. Nesse caso, o trabalho jornalístico e suas narrativas em memória são também fundamentais para a composição conceitual e prática do que nomeamos como *footbyte*.

### **1934: “VAIAS AO JUIZ”, AINDA SOMENTE HUMANO**

No dia 28 de maio de 1934, o Jornal O Globo noticiou a mais breve participação da seleção brasileira masculina de futebol em Copas do Mundo. Com a manchete “O Campeonato do Mundo: apesar da reação no 2º tempo, os brasileiros cederam frente aos

hespanhoes pelo score de 3 a 1” (O Globo, 28 de maio de 1934, p.10), o periódico expôs a eliminação dos brasileiros após a derrota logo no primeiro confronto contra a Espanha. O que chama a atenção, no entanto, é a reclamação direcionada ao juiz na capa, que traz em seus subtítulos “brincas” ao o árbitro alemão Alfred Birlem: “juiz prejudicou os nossos jogadores” e “foi anulado um goal de Luizinho” (O Globo, 28 de maio de 1934, p.10). Na matéria do jornal, na página 10, outros subtítulos enfatizam ainda mais as reclamações: “vaias ao juiz” e “anulado um goal brasileiro” (O Globo, 28 de maio de 1934, p.10).

É significativo pontuar o texto de “vaias ao juiz”, que menciona como “o juiz da partida está sendo vaiadíssimo pela maioria dos assistentes, pois marcando o jogo parado, muito vem prejudicando o jogo dos brasileiros, que neste tempo são senhores absolutos do jogo dominando francamente os hespanhoes” (O Globo, 28 de maio de 1934, p.10). Além da narrativa com ênfase à crítica dos torcedores à atuação do árbitro, é interessante perceber a dinâmica de uma comunicação dos lances da partida, um dia após a realização da mesma, com a assinatura do serviço especial do Globo. A foto estática utilizada, de arquivo, do jogador Leônidas da Silva, único a marcar para o Brasil, dá ainda mais significado à escassez e à lentidão do processo de transmissão das informações.

Já a Folha de São Paulo, também do dia 28, traz de maneira semelhante ao O Globo, por meio da agência americana United Press, o relato dos principais momentos do embate entre Brasil e Espanha. Na matéria, há uma imagem do rosto de um atleta espanhol, que havia se destacado. O registro do discurso opinativo do jornalista Paulo Varzea no artigo em anexo realça como o telégrafo era o principal meio de transmissão das informações. No texto crítico intitulado “O desastre de Genova e seus verdadeiros culpados”, Varzea ressalta “quando os fios telegraphicos fibraram na sua extensão comunicando-nos o desastre de Gênova [...]” (Folha da Noite, 28 de maio de 1934, p.10, primeira edição).

Da mesma maneira que o concorrente, a Folha abre espaço para o “artilheiro solitário” do Brasil, Leônidas, mas, desta vez, com um desenho do atleta. Há, portanto, uma prática igualmente vagarosa, pautada pelas tecnologias disponíveis na época. Em outra ocasião, mostramos como já em 1930, no Uruguai, o rádio se fazia presente com transmissões, ainda que precárias, para o Brasil (Bedendo, 2025). No entanto, o im-

presso mantinha sua relevância, com as agências noticiosas alimentando as páginas dos periódicos, mesmo com o “atraso” pelas limitações da ocasião. Na página 7, na continuidade da matéria da primeira edição noturna, a terceira impressão traz a declaração do chefe da delegação brasileira, Lorival Fontes, com a informação de que o depoimento havia sido dado à agência “Havas”. O recurso fotográfico, mais uma vez, utiliza imagens de arquivo dos jogadores brasileiros Waldemar, Armandinho e Silvio.

### **1938: “IRRADIAÇÃO JAMAIS FEITA NO BRASIL”**

A Copa de 1938 na França é o momento no qual o rádio brasileiro desponta com a primeira transmissão em cadeia nacional, direto da Europa, com as transmissões “através de emissoras de Ondas Curtas, com sistema de antenas dirigidas” (Ortriwano, 1998, p.2). Conforme Ortriwano (1998, p.2), os cinco confrontos que o Brasil disputou mais o jogo final que decidiu o campeonato “foram irradiados para a Cadeia de Emissoras Buyngton”. Esse protagonismo do rádio demarca, ainda, o início de uma aceleração nos protocolos da comunicação, principalmente por causa da possibilidade de os torcedores acompanharem o “ao vivo”, não precisando mais esperarem o jornal impresso no dia seguinte com as narrativas das agências noticiosas. Mesmo com uma qualidade técnica limitada, o papel desempenhado pelo locutor paulista Leonardo Gagliano Neto é, reconhecidamente, inovador. Ele era responsável pelo Departamento de Esportes da PRA-3 - Rádio Clube do Brasil do Rio de Janeiro e foi o único sul-americano a transmitir os “prélios” dos gramados franceses. Segundo Ortriwano (1998, p.2), as notícias davam conta de que “em 1938 o Brasil parou para ouvir as irradiações de Gagliano Neto. O povo, incrédulo e fascinado com os sons vindos do outro lado do oceano, vibrava. Quem não tinha rádio em casa, se aglomerava no Largo do Paissandu em São Paulo ou diante da Galeria Cruzeiro, no Rio de Janeiro”.

É interessante destacar, também, que as “arquiteturas” dos jornalistas e radialistas fundamentavam-se exclusivamente pelo olhar humano. Os jogos exigiam as naturais habilidades sensitiva e cognitiva do locutor de rádio ao vivo, pois Gagliano, por exemplo, “gritava goal, que era o termo usado na época, em que as camisas ainda não eram numeradas (o que só ocorreria a partir da Copa de 50, no Brasil), dificultando ainda mais a tarefa de nosso speaker. Conhecer a fisionomia dos brasileiros não era difícil. Mas dos adversários...haja imaginação!” (Ortriwano, 1998, p.2).

O jornal O Globo de 4 de junho de 1938, véspera da estreia brasileira contra os poloneses, reproduziu, então, esse êxtase pela irradiação da partida e também outras duas vertentes que compuseram o misto de alegria pelos avanços comunicacionais e de ansiedade, em especial por saber notícias, de longe, do zagueiro Domingos da Guia. A “conquista” de uma ligação telefônica de um jornalista da redação para a concentração do Brasil é reproduzida na íntegra, com o alívio de escutar, do próprio jogador, sobre sua recuperação de uma gripe. Até então, a escassez de informações, fez o periódico especular acerca da ausência de Domingos do embate e o consequente grande desfalque do selecionado. Na edição das 14h, é reproduzida a mesma angústia da “incerteza pela escassez”, desta vez com um ar maior de dramaticidade. A manchete destaca em caixa alta e em negrito “Desastrosa para o scratch a ausencia de Domingos”. No subtítulo, a insegurança relatada pelo fato de o técnico Adhemar Pimenta considerar “decisiva para as probabilidades de victoria a actuação do grande ‘back’ no jogo de amanhã” (O Globo, 4 de junho de 1938, Edição das 14h, p.1).

Outra significativa vertente do “mundo da bola” que brotou na Copa e no discurso jornalístico foi a economia do *football*. Pela primeira vez, encontramos nas pesquisas uma notícia de um empresário interessado em recompensar financeiramente os jogadores, por cada “goal” marcado. O texto da nota sublinha que “no intuito de incentivar os scretchmen”, o proprietário da empresa de “omnibus” Cruz de Malta, o industrial brasileiro Jose Joaquim de Brito, “num gesto que faz jus aos applausos mais calorosos, offerece um conto de reis em dinheiro ao jogador ou jogadores que fizerem goals contra a Polonia” (O Globo, 04 de junho de 1938, Ed. 11h, p.1).

A valorização do uso do “telephone” para anunciar, com alívio, que Domingos estava recuperado e pronto para a “peleja” é outro destaque relevante do jornal. Para responder a pergunta “quem vencerá?” e para reforçar a afirmação otimista da vitória brasileira, o periódico ressalta na matéria que reproduz na íntegra a ligação telefônica que “para vencer a ansiedade não bastam os despaches telegraphicos, embora copiosos, de agencias, já mão basta a actividade incessante dos nossos enviados especiaes” (O Globo, 04 de junho de 1938, Ed. 17h, p.1). O jornal revela, ainda, o enorme esforço para conseguir a ligação internacional para o hotel Nierdebronn-Leis-Bains, onde a delegação nacional estava hospedada. “Recorremos, então, ao serviço perfeito da Radio Bras que se collocou á disposição do GLOBO” (O Globo, 04 de junho de 1938, Ed.

17h, p.1). Ganha ênfase, então, a imagem do redator ao “telephone” na cabine fechada da Radio Bras em comunicação com os jogadores brasileiros em ligação agendada para às 10h, “diante do microphone e dos ampliadores de som” (O Globo, 4 de junho de 1938, Edição das 17h, p.1). Na mesma página, a primeira frase, no topo, confirma o horário da irradiação, acompanhada da manchete da escalação de Domingos.

Como conta Ortriwano (1998, p.6), a participação do rádio foi uma conquista também em meio ao cenário de dificuldades para que a delegação do Brasil, e o próprio locutor Gagliano Neto chegassem à França. De acordo com a pesquisadora, em 1938 tudo era mais difícil, “não apenas para a cobertura esportiva que o rádio brasileiro protagonizava. Faltava dinheiro e a seleção teve de viajar até a França em navio de segunda classe (Gagliano Neto entre eles, incorporado à delegação), com paradas na Bahia e no Recife, onde foram realizados dois treinos de campo”. Ortriwano também assinala que as transmissões eram limitadas, com muitas interferências técnicas que prejudicavam a qualidade das informações, no cenário ainda sim de escassez, incertezas e criatividade para os profissionais de comunicação que se viravam, muitas vezes, para enxergar os lances e retransmiti-los com precisão. “Mas o rádio ocupava lugar de destaque, merecendo inteira atenção dos ouvintes que se esforçavam para decifrar as palavras entre chiados e estalidos. O receptor Capelinha, instalado na sala, em lugar de honra, era um verdadeiro oratório familiar” (Ortriwano, 1998, p.8).

Em uma publicidade na página 7, da mesma edição, encontramos o reforço da importância dada ao feito do rádio, com ênfase no fato de mais de 40 estações retransmitirem o sinal da Rádio Club. A página seguinte traz, então, a informação de que toda a cidade do Rio de Janeiro poderia ouvir a irradiação tão esperada, pois alto-falantes haviam sido espalhados por várias localidades, como em São Januário e em Madureira.

Já a Folha da Manhã, do dia do jogo, em sua matéria principal enfatiza que “o sr. Leonardo Gagliano Netto, ‘speaker’ brasileiro, da Rádio Club do Brasil, fez hoje uma experiência de irradiação para o Brasil, do estádio em que será realizado o jogo, tendo em sua companhia o dr. Castello Branco e outros membros da delegação brasileira” (Folha da Manhã, 05 de junho de 1938, p.1). O texto informa, ainda, que “às 20h45 hora delles, pelo telephone, fallaram com o Brasil, durante meia hora, sendo-lhes comunicado que se a transmissão for tão boa quanto a experiencia hoje feita, não

deixará de ser ouvida uma só palavra de sua irradiação” (Folha da Manhã, 05 de junho de 1938, p.1).

As nuances das narrativas evidenciam os contextos e suas subjetividades, como a da incerteza pela escassez que frisamos nesse estudo. Outro exemplo desse detalhe sutil aparece ainda na Folha da Manhã, do dia 03 de junho, em um trecho que analisa a partida entre Alemanha e “Suíça”. Ao mencionar a escalação da seleção alemã, o jornal diz que “**segundo pessoas bem informadas**, o quadro que enfrentará a Suíça, talvez tenha a seguinte constituição” (Folha da Manhã, 03 de junho de 1938, p.10, grifo nosso). A vertente econômica também ganha espaço mais uma vez na informação sobre as arrecadações com as vendas dos ingressos para as partidas. De acordo com a publicação, a venda antecipada “já está próxima de 1 1/2 milhão de francos, o que faz prever um sucesso financeiro sem precedentes, embora a venda até agora represente apenas a terça parte do total de 4 1/2 milhões de francos, o quanto montam as despesas, para a realização deste gigantesco torneio de futebol” (Folha da Manhã, 03 de junho de 1938, p.10).

A vitória por 6x5 no “prelio” de estreia faz aumentar o entusiasmo das narrativas jornalísticas sobre os nossos “onze”. Na primeira edição da Folha da Noite, do dia 6, assim como a edição extra de O Globo, na mesma data, realçam a palavra “victoria” com as fotografias recortadas de rosto dos atletas brasileiros e, até mesmo, discorrem sobre um favoritismo do Brasil para a conquista da Taça do Mundo. Apesar de, desta vez, o rádio ter antecipado para uma parcela do público os momentos do jogo, ambos os jornais trazem a descrição completa dos melhores instantes da partida. O periódico carioca, no entanto, frisa que “descreve, graças aos seus enviados especiais, os 120 minutos de jogo” (O Globo, 06 de junho de 1938, p.1). O árbitro, como “centro das atenções” volta a ser assunto na escrita que reproduz os primeiros olhares e experiências humanas sobre esse vigiado personagem do apito. O Globo pontua na chamada “o juiz, as suas falhas e os seus acertos – justo o penalty marcado contra os nossos jogadores” (O Globo, 06 de junho de 1938, p.1).

Na mesma edição, um fato curioso chama a atenção sobre a “experiência” de acompanhar o futebol no “tempo real” do rádio. Na parte inferior da página 2, a manchete “A victoria dos brasileiros fulminou-o!”, com o subtítulo “Morre em Campos o chefe dos Correios e Telegraphos locais” noticia a morte do senhor Dario Balesdent

Barroso Nunes, vítima de um “colapso cardíaco”. O jornal informa, então, que “motivou a morte do conhecido telegraphista a sensação experimentada pelo resultado do jogo Brasil x Polônia” (O Globo, 06 de junho de 1938, p.5).

Ainda nesta página, comemora-se o sucesso na irradiação da disputa. O discurso da matéria acerca do feito de Gagliano Netto equipara a transmissão a um “milagre”. O texto dá a dimensão de como uma nova tecnologia da comunicação mexia e modificava profundamente as “arquiteturas” cognitivas dos públicos ouvintes. Gagliano Netto teria conseguido “transportar, pelo milagre de uma irradiação notável, as multidões frenéticas e impacientes dos ‘fans’ brasileiros para Strasburgo. Sentia-se a peleja sensacional como se todos estivesse diante do gramado que foi teatro do primeiro triunfo das nossas cores[...]”. A escrita segue com o realce da popularidade e do prestígio já alcançado pela Rádio Club do Brasil. “Ouviu-se com absoluta nitidez, a voz nervosa e empolgante do ‘speaker’, nesta capital como nos pontos mais remotos do país.” A nota termina, então, com uma referência aos “apaludos entusiásticos, coroando o brilhante acontecimento que tanto eleva o nosso ‘broadcasting’, marcando iniciativas audaciosas e brilhantes devem, aliás ser dirigidas também a Radiobraz sem cuja a colaboração nada seria possível” (O Globo, 08 de junho de 1938, p.5). Há, portanto, a exaltação ao “progresso do nosso ‘broadcasting’ cujos empreendimentos já se equiparam aos serviços no gênero realizados nos centros de maior desenvolvimento do mundo” (O Globo, 06 de junho de 1938, p.6).

Se por um lado o jornal carioca enalteceu o sucesso do rádio, por outro o paulista se pautou na agência de notícias americana United Press para manter a tradição de detalhar os melhores lances do embate entre Brasil e Polônia. Com uma diagramação “pesada” para as nossas arquiteturas atuais, a Folha de São Paulo deu ênfase à disposição dos brasileiros que superaram as dificuldades do clima, do campo de jogo e da prorrogação para saírem vitoriosos. Há uma passagem interessante, inclusive, na primeira edição da Folha da Noite, do dia 06 de junho, de uma fala do jogador Leônidas em uma entrevista ao repórter da agência de notícias após a partida: “olha pra mim camarada: estou coberto de lama dos pés a cabeça” (Folha da Noite, 1ª edição, 6 de junho de 1938, p.6). A matéria diz, ainda, que o atleta marcou três “pontos” para o Brasil, sendo o último com os “pés descalços”. Já nas “últimas de esportes” da edição das 18h, da Folha da Noite, a repercussão dos periódicos franceses encorpa a manchete “A victo-

ria do Brasil, vista pelos jornaes Francezes” (Folha da Noite, edição 18h, 06 de junho de 1938, p.5). Na matéria, novamente o aspecto financeiro ganha atenção com a notícia vinda de um telegrama da Confederação Brasileira de Desportos de que cada jogador ganharia uma casa e francos de gratificação.

Na sequência da Copa do Mundo, as narrativas da briosa atuação brasileira diante da “Checoslovaquia” nos dois jogos que marcaram a disputa reforçaram algumas configurações dos cenários de incertezas frente à escassez de informações, também por causa das limitações do olhar humano, único recurso, até então, para “julgar” os lances. O primeiro “prelio” terminou empatado e com muitas reclamações do Brasil sobre a atuação do juiz húngaro Hertzka e com a forma agressiva como havia se portado a outra seleção. O jornal conta que o juiz expulsou Machado junto com o jogador “checo”, apesar de ele ter sido vítima de uma agressão. Na capa da primeira edição da Folha da Noite, de 13 de junho de 1938, a manchete pontua a descontentação com a arbitragem e a preocupação com o juiz que apitaria o segundo duelo de desempate no dia seguinte: “O Brasil não jogará se for escalado o mesmo juiz” (Folha da Noite, 1ª Edição, 13 de junho de 1938, p.1).

Ainda na tábua de reclamações, o pênalti marcado para o oponente que resultou no empate em 1 a 1 foi, da mesma maneira, amplamente criticado. A terceira edição de 14h, da Folha da Noite, do dia 13 de junho, enfatiza as críticas ao árbitro e à violência ‘checa’. A “batalha” chegou a ser comparada a uma “tourada” que foi reproduzida pelo recurso de uma charge. A utilização das agências Havas e *United Press* foram mantidas pela Folha, mas também aparece em uma das reportagens o trabalho da sucursal no Rio de Janeiro que entrevistou, por telefone os representantes da delegação brasileira. Há, ainda, a repercussão de muitos “telegrammas” de apoio enviados a França por diversas personalidades e instituições. A vitória brasileira por 2 a 1, de virada, no jogo de desempate fez a quinta edição da Folha da Noite exaltar em sua capa o nosso “quadro branco” e o “vivo” interesse dos brasileiros nas ruas acompanhando a transmissão ao vivo pelo rádio.

O periódico carioca, por sua vez, é ainda mais incisivo no discurso contra o árbitro responsável pelos “erros” na primeira partida. Em todas as edições do dia seguinte, O Globo repercute a insatisfação com o “homem do apito” e faz, inclusive, uma matéria na qual “estampa” pela primeira vez, como informa, a “photographia” do juiz. No dia

seguinte, logo na primeira edição, traz a “descoberta” de que o árbitro não é húngaro e sim “tcheco”, ou seja, da mesma nacionalidade do time rival.

No dia do confronto decisivo, o jornal apresenta na primeira página da edição das 14h um grande chamado para a audição radiofônica e também, curiosamente, cria uma seção chamada de “arbitraria” na qual ressalta depoimentos de protestos contra a FIFA pela exclusão de Machado e Zezé. Entre os chefes da delegação do Brasil, o técnico Pimenta disse que “em primeiro lugar, a expulsão de machado no jogo de domingo não se justifica, pois o juiz não pode estabelecer de modo satisfatório, segundo julgamos, o foul allegrado. A FIFA exclui Machado e Zezé dos demais jogos”. Já Castello Branco e Celio de Barros consideraram “injustificável” a eliminação dos atletas, pois a mesma não era prevista em regulamento (O Globo, 14 de junho de 1938, Edição 14h, p.1). Na edição extra que “narra” então os melhores momentos do desempate, O Globo mostra, mais uma vez, agora em fotografia, como a população estava deslumbrada com a nova tecnologia do rádio. Na legenda das fotos, o jornal pontuou: “a vida da cidade ficou suspensa depois das 13 1,2 horas. Todas as atenções se voltaram para Bordoas. Os instantanes acima, colhidos nos salões da Associação Christã de Moços, mostram como também ali, todos se concentram, disputando as palavras de Galiano Netto” (O Globo, 14 de junho de 1938, p.8).

No dia 16, dia do duelo com a Itália, o otimismo pela conquista do campeonato mundial era tão grande que o jornal estampou, na edição das 14h, a manchete do atacante Leônidas afirmando que já estava pronto para atuar na final contra a Hungria. Às 17h, no intervalo do primeiro tempo da “peleja”, O Globo traz mais uma publicação com os destaques da etapa inicial e com a foto do ministro Oswaldo Aranha falando no “microphone” da Rádio Club, instalado na redação do jornal. A reportagem sobre a expectativa para a “pugna” ressaltou que “toda a metrópole era uma multiplicação de centenas recebendo, lance a lance, na irradiação de Gagliano Netto, as notícias da pugna em que de novo o bravo ‘scratch’ azul defendia as côres do Brasil [...] nas repartições públicas installaram-se aparelhos de radio e o expediente ficou substituído pela ‘torcida’” (O Globo, 16 de junho de 1938, edição Extra, p.1).

A página 6 da mesma edição emoldura mais uma nota sobre a transmissão esportiva da Rádio Club do Brasil e “convoca” a torcida a manter a sintonia dos jogos anteriores. “A irradiação dos encontros do Brasil, na disputa do ‘Campeonato Mundial’,

tem sido, ao lado do sucesso do nosso ‘scratch’, a nota de maior sensação desta quinzena de emoções intensíssimas” (O Globo, 16 de junho de 1938, edição Extra, p.6). O texto frisa também o empenho técnico para manter a qualidade auditiva daquela experiência. “O esforço da Radio Club do Brasil no sentido de proporcionar aos brasileiros o grandioso espectáculo que tem sido cada irradiação, tão nítida e perfeita como se fosse dentro do próprio Rio de Janeiro, é bem compreendido pelo publico, cada vez mais entusiasmado com o arrojo das suas iniciativas [...]” (O Globo, 16 de junho de 1938, edição Extra, p.6). A fotografia de centenas de pessoas com seus chapéus acompanhando o desenrolar da jogo, em frente a “redacção” do jornal é, da mesma forma emblemática. A página traz a imagem que preenche todas as colunas, seguida dos relatos dos principais lances descritos pelo enviado especial.

A Folha de São Paulo faz um relato de uma tradição atual iniciada naquela ocasião na qual a seleção brasileira começa a criar a sua primeira forte identidade com o povo de seu país. Chama a atenção o anúncio da paralisação das atividades comerciais e da rotina do brasileiro, bem como a exaltação a alguns jogadores, colocando-os já em *status* de celebridades. A quinta edição da Folha da Noite descreve que “Leonidas tornou-se mais famoso que Ruy Barbosa”, “a mocinha da casa dos dois mil reis queria vender sorte aos jogadores”. Sobre o fechamento do comércio, a manchete frisou “um jogo que vale o prejuízo”. O “telephone” foi classificado como “o aparelho martirizante” (Folha da Noite, 16 de junho de 1938, 5ª Edição, p.5).

Na mesma publicação, a Folha se pauta, novamente, na *United Press* para fazer a descrição dos melhores momentos do enfrentamento entre Brasil e Itália. A página 4 é praticamente tomada de uma diagramação unicamente textual com os registros da agência de notícias. As letras apertadas nas entrelinhas encolhidas dão forma a uma “arquitetura” impensável às nossas exigências atuais pela híper-visão. Até então, o discurso jornalístico de ambos os periódicos, intermediado pela escassez e pelas conseqüentes incertezas, não havia questionado o pênalti a favor da Itália e nem qualquer outra atitude do juiz, como aconteceu contra os tchecos, por exemplo. No entanto, no dia seguinte, O Globo movimenta uma narrativa que, mais uma vez, evidencia o “choro”, a “angústia” e o “desespero” pela “injustiça” provocada pela insuficiência da retina humana. O pênalti cometido por Domingos em Piola passa, assim, a ser questionado. A edição das 11h, do dia 17 de junho, clama por justiça contra o “mais absurdo penalty da historia do foot-

ball”, mas também dá destaque a uma revelação importante para as nossas concepções arquitetônicas no que diz respeito à necessidade de rever o lance pela imagem e de duvidar do árbitro de carne e osso: na primeira página há uma notícia de um “film” realizado pelo “sr. Generoso Ponce”. Este, segundo o jornal, “teve o privilegio de filmar, na íntegra, a partida Brasil-Italia, como já sucedera nas anteriores em que figurara o nosso paiz [...]”.

A sequência da informação sublinha que “logo que soube do protesto formulado pelos chefes da nossa delegação perante a Fifa resolveu, num gesto patriótico, por á disposição daquela entidade a pellicula hontem tirada.” Como a reclamação era a de que a bola havia saído antes da falta de Domingos que originou o penal, diz o texto que “dessa forma, poderá ser devidamente constatada a ilegalidade da decisão tecnica tomada pelo arbitro registrando uma falta quando a bola não se achava em campo” (O Globo, 17 de junho de 1938, edição das 11h, p.1).

Como havia feito na primeira partida diante da Tchecoslováquia, O Globo estampa a foto do rosto do árbitro Wotrich rotulando-o de “maior adversario”. Também ganha espaço a movimentação das autoridades brasileiras no protesto a Fifa, com a especulação de o Brasil não entrar em campo para a disputa do terceiro lugar. “Façam justiça ao Brasil” e “O Film para documentar a ilegalidade” enunciam os discursos nesta direção (O Globo, 17 de junho de 1938, edição das 11h, p.1). Logo depois, uma “edição extra” enuncia o testemunho do “speaker” Gagliano Netto em tom de reforço às críticas à penalidade que selou a vitória da Itália: “foi o juiz quem derrotou os brasileiros, marcando um penalty absurdo, com a bola fora do campo”. O subtítulo reitera que “foi filmado o penalty escandaloso” (O Globo, 17 de junho de 1938, edição extra, p.1). Em outras duas matérias, o jornal refere-se a um “resultado arbitrario” e a um “abuso de autoridade” do homem do apito ao marcar a falta naquele contexto. Há a informação de que telegramas da Fifa reiteram que “as decisoes dos arbitros, em campo, são irrecorriveis”.

Mais tarde, na edição das 14h, o depoimento do “keeper” Jaguaré, jogador brasileiro que atuava no Olympic de Marselha, e assistiu ao jogo com a Itália, sugere que o juiz havia deixado de marcar também um pênalti para o Brasil. A manchete, então, frisa mais essa crítica. No mesmo espaço, a declaração do presidente da Fifa, Jules Rimet, põe em relevo que “é regra inflexivel que as decisões do juiz em campo são fi-

naes. Quando juiz resolve qualquer coisa é caso líquido e acabado. Não pôde haver apelos relativamente ás decisões do juiz.” (O Globo, 17 de junho de 1938, edição 14h, p.1). Às 17h, outra publicação menciona o protesto dos brasileiros considerado pela Fifa como “platônico” e evidencia uma imagem de “cem mil pessoas” na “Paulicéa”, no “no pequeno centro da cidade, formado por três ruas e três praças”, acompanhando a transmissão pelo rádio (O Globo, 17 de junho de 1938, Edição das 17h, p.1).

No “Última Hora” o periódico reafirma os argumentos do penal marcado com a bola fora e a esperança pela anulação do jogo. No entanto, além disso, traz mais evidente outra versão para o suposto erro do juiz: “o foul foi de Piola e não de Domingos: o ‘crack’ brasileiro apenas revidou a uma agressão” anuncia o título de uma nota. A entrevista do técnico Adhemar Pimenta com o testemunho de dentro do campo ajuda a reforçar as teses da “bola fora” e do “revide” de Domingos: “o Brasil foi esbulhado. Tecnicamente, embora sem Leonidas, venceríamos a Italia. O que decidiu a partida foi o penalty escandaloso contra o Brasil, penalidade que aberrou de todas as regras”. O repórter, então, pede que Pimenta descreva a jogada: “o extrema direita italiano centrou a bola e Ferrari emendou collocando fóra. Piola vinha na corrida e Domingos fez a barreira. O commandante italiano deu um ponta-pé que atingiu Domingos e o nosso bac’ revidou”. O treinador alega, assim, que “o máximo que poderia advir, dentro das regras, seria uma advertencia, pois se tratava de um incidente entre jogadores fóra de jogo, pois o match é interrompido com a bola fóra das linhas do campo” (O Globo, 17 de junho de 1938, Última Hora, p.1).

A Folha, por sua vez, reproduziu o discurso da “ilegalidade” com a mesma matéria do “film” encontrada em O Globo. Assinado por “da nossa sucursal”, o escrito se fez, no entanto, com um título mais incisivo: “Prova Pothographica do lance fatal para o Brasil”. Em um dos textos opinativos, identificamos a sugestão de que o Brasil foi vítima de “manobras” por parte dos organizadores para não seguir adiante na competição. Estas estariam ligadas a viagens longas, cansativas, datas dos jogos, e arbitragem parcial em favor dos europeus. Em algumas linhas, diz o repórter: “acreditamos que, de qualquer maneira, seríamos atingidos pelas ‘manobras’, mas sempre há a conveniencia de se apontar de falhas para evitar-se de repeti-las em outras ocasiões” (Folha da Noite, 17 de junho de 1938, 4ª Edição, 16h, p.5). É interessante registrar, ainda, o convite para a projeção da reportagem cinematográfica, produzida pelos irmãos

Ponce, na qual foi possível ver e ouvir, em mais de uma hora de exibição, “os gloriosos heróis falando ao povo do BRASIL” (Folha da Manhã, 18 de junho de 1938, p.13). Cinema, impresso e rádio compunham, então, o conjunto midiático responsável por mediar e estimular as “arquiteturas” de um *football* que se popularizava e se monetizava, muito com o auxílio dos meios de comunicação.

Atualmente, o *footbyte* nos convida diariamente a mensurar as subjetividades e os impactos dos *bytes* nesse mundo da bola. Como apontam Nyman et al. (2025, p.1, tradução nossa), os recursos do universo *hightec* podem favorecer “o desenvolvimento do jogo em equipe, maior envolvimento do jogador e métodos para aprimorar as estratégias de treinamento”. Por outro lado, a complexidade do cenário da “dúvida pelo excesso” também acena para “limitações potenciais, como dependência excessiva e prejudicial da tecnologia, aumento da carga de trabalho mental e recursos insuficientes para o trabalho manual de vídeo” (Nyman et al., 2025, p1). Pesquisadores, como Zhang et al. (2025, p.1192, tradução nossa), já são enfáticos em afirmar que nos “matches” ao vivo “é crucial ter um sistema de reconhecimento de imagem que possa minimizar a intervenção humana e tomar decisões e julgamentos com base nas estatísticas capturadas por sensores. Assim, alcançar alta precisão e atraso mínimo pode ser observado e é adequado para cenários de partidas ao vivo”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abdula e Marulin (2025, p.82, tradução nossa) afirmam que “o fator humano e os erros dos árbitros são parte inerente do futebol. O número de erros pode ser significativamente reduzido, mas não pode ser completamente eliminado. Ao mesmo tempo, devemos entender a natureza do erro, o que exatamente influencia a ocorrência do erro [...]”. Certo é que a volta ao passado por meio da história em movimento e das memórias jornalísticas é fundamental para entendermos o hoje. A incerteza pela escassez vai, ainda que a passos lentos na primeira metade do século XX, sendo substituída pela dúvida diante do excesso de informações, estimulado, principalmente, pelos enviados especiais e pelas irradiações e testemunhos mais próximos da imprensa esportiva. Encurtam-se as distâncias e ampliam-se os debates sobre a capacidade humana de olhar, sentir e tomar decisões na arbitragem de um jogo do *football*. Vivemos agora o ápice do *footbyte*, com exigências sensoriais que, cada vez mais, questionam a credibilidade do homem e idolatram a interferência da técnica. Outras intervenções da tecnolo-

gia vão chegar e muitas pesquisas têm sido realizadas para tentar compreender os diversos aspectos que envolvem essas dinâmicas. Vamos continuar nosso percurso pelas Copas do Mundo, como forma de contribuir para esses estudos e para uma melhor compreensão sobre os desafios dos jornalistas esportivos nesse cenário.

## REFERÊNCIAS

ABDULA, Anatoly; MARULIN, Stanislav (2025). “Evaluation of Factors Influencing Assistant Referee Decisions in Determining ‘Offside’ in Football”. *SLOBOZHANSKYI HERALD OF SCIENCE AND SPORT*, Vol. 29 No. 1.

BEDENDO, Ricardo. **Da incerteza pela escassez à dúvida pelo excesso: “arquiteturas” da imprensa esportiva entre o football do “thelegrapho” e o footbyte do VAR.** In: **Comunicação e conexões digitais: estratégias e impactos na era da informação/Org: Edwaldo Costa.** – Ponta Grossa - PR: Atena, 2025.

NYMAN, Aniti; EKONOJA, Aniti; KÄRKKÄINEN, Tommi; SZEROVAY, Mihaly (2025). “The Role of Video Technology in Football Coaching: An Integrative Review”. *International Sport Coaching Journal*; Retrieved, p.1-13.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. “França, 1938 - III copa do mundo: o rádio brasileiro estava lá”. *Comunicações e artes*, v. 21, n. 34, p. 5-16, 1998.

ZHANG, Qianwei; YU, Lirong; YAN, WenKe (2025). “AI-Driven Image Recognition System for Automated Offside and Foul Detection in Football Matches Using Computer Vision”. *International Journal of Advanced Computer Science and Applications*, Vol. 16, No. 1.